

# A ciência e suas histórias

Lucas Valiati

Resenha de Henri F. Ellenberger,  
*A descoberta do inconsciente: história e evolução da psiquiatria dinâmica*, São Paulo, Perspectiva, 2023, 912 p.

## A ciência e suas histórias

Publicada em 1970 e, desde 2023, ao alcance do leitor brasileiro pela Perspectiva, a obra de Henri F. Ellenberger – *A descoberta do inconsciente: história e evolução da psiquiatria dinâmica* – configura-se como um estudo histórico e conceitual que cartografa as correntes que confluíram para a emergência do conceito de inconsciente na tradição intelectual ocidental. Distanciando-se da simples reconstituição de datas e personagens, o autor compõe um quadro em que conceitos, práticas e manifestações culturais surgem em mútua articulação. O tom estilisticamente límpido e franco, a que a língua inglesa parece afeita, ganha correspondência precisa na tradução de Paulo Sérgio de Souza Jr. ao português, que preserva a naturalidade sem incorrer em artificialismos.

- 1 Exemplos historicamente conhecidos são as obras de Zillboorg & Henry (1941) e Alexander & Selesnick (1966).
- 2 E.H. Ackerknecht, *A short history of psychiatry*.
- 3 W. Leibbrand; A. Wettley, *Der Wahnsinn: Geschichte der abendlandischen Psychopathologie*.
- 4 No mesmo ano de publicação da obra de Ellenberger, Mora (“The psychiatrist’s approach to the history of psychiatry”, in G. Mora; J.L. Brand (eds.), *Psychiatry and its history: Methodological problems in*

Lucas Valiati é mestrando em Filosofia da Psicanálise na UFSCar.

DOI: 10.70048/percurso.75.159-164

O resultado é uma obra que conduz o leitor por mais de cento e cinquenta anos de experiências, debates e reformulações, produzindo uma síntese de escopo enciclopédico apta a atender tanto ao leigo como ao especialista.

O livro se orienta por um norte inequívoco: o inconsciente não irrompe como relâmpago de um gênio solitário, mas como construção histórica, urdida em múltiplos regimes de saber que, de alguma maneira, se interseccionam – das mais variadas formas e feições de uma dita cura “primitiva” e os rituais xamânicos, às escolas médicas europeias e às psicoterapias. Trata-se de um itinerário genealógico que principia em Gassner e Mesmer, no que se denomina a “emergência da psiquiatria dinâmica”; atravessa a experimentação do marquês de Puységur; reconhece no hipnotismo francês *fin de siècle*, sob as órbitas de Nancy e da Salpêtrière, um eixo de formalização racional; e deságua, entre os séculos XIX e XX, nas figuras de Pierre Janet, Sigmund Freud, Alfred Adler e Carl Gustav Jung. O que se oferece ao leitor não é uma simples cronologia, mas uma história intelectual na qual práticas e teorias se encadeiam, revelando a teimosia das perguntas e a metamorfose das respostas. Sem cravar qualquer definição de “psiquiatria dinâmica”, o autor a faz emergir por linhas de força múltiplas, deixando entrever sua formação interdisciplinar: literatura, mitologia, arte médica, antropologia, psicologia e a filosofia.

Quando tantos regimes de saber se entrelaçam, a primeira pergunta recai sobre a metodologia a ser trilhada. No tempo em que *A descoberta do inconsciente* veio a público, a historiografia psiquiátrica respirava outro ar. Prevaleciam, então, no ramo das *histórias da psiquiatria*, construções narrativas de timbre hagiográfico e teleológico que, apesar da amplitude e do mérito, deixavam transparecer uma inequívoca assinatura ideológica<sup>1</sup>. Excluída a literatura *Whig*, predominavam sínteses concisas da disciplina<sup>2</sup> ou ainda obras em língua alemã<sup>3</sup>, fatores que estreitavam o horizonte de alcance<sup>4</sup>. Como coloca o próprio autor, é notório como “descrições da história da psiquiatria dinâmica contêm mais erros, lacunas e lendas do

que a história de qualquer outra ciência”<sup>5</sup>. Nesse cenário, a publicação de Ellenberger adquire feição francamente revolucionária.

A obra se ergue, antes de tudo, contra simplificações. Onde outros traçavam uma linha reta – histórias da psiquiatria coladas aos grandes textos –, Ellenberger preserva a razão histórico-intelectual e, ao mesmo tempo, busca dar-lhe espessura incorporando o *Zeitgeist*, biografias, instituições e a clínica que toca a carne dos casos. Desse arranjo emana um retrato polifônico, à semelhança de um corpo visto por vários ângulos. O autor privilegia o acesso direto às fontes primárias, manifesto por um aparato crítico multilíngue e heterogêneo, seja nas referências ou notas de rodapé. Essa propriedade arquivística produz um trabalho capaz de tornar visíveis documentos e testemunhos anteriormente inalcançáveis ao público. Para ilustrar, sua pesquisa contempla consulta a uma biografia de Charcot em russo, realizada quando a literatura sobre o neurologista francês era ainda incipiente, ou então conversas pessoais com o próprio Jung. Nisso, os princípios que guiam o método são enumerados: “1. Nunca tomar nada como certo; 2. Verificar tudo; 3. Restituir tudo ao seu contexto; 4. Traçar uma nítida linha distintiva entre os fatos e as suas interpretações”<sup>6</sup>. Dessa matriz decorrem, em termos analíticos, uma atitude de ceticismo disciplinado – uma dúvida cartesiana historiográfica (se a irmã de Rorschach lhe disser que ele tem olhos azuis, cumpre verificar se isso bate com a descrição do passaporte<sup>7</sup>) –, a reafirmação da primazia epistêmica da fonte primária, a ênfase na centralidade do “contexto” como operador de sentido e a instituição de um crivo retórico atento aos abusos da escrita. Mais do que uma postura de hipervigilância, Ellenberger revela o timbre de quem domina as sutilezas do ofício mesmo sendo um amador.

Sem dúvida, esse domínio trouxe frutos antes exóticos ao campo. Um deles é a centralidade do caso clínico na urdidura histórica das teorias. Se, nas descrições clássicas, as correntes teóricas erguiam-se como sistemas fechados, Ellenberger avista no relato de caso uma nascente primária,

e procura instalá-la no coração de sua leitura, como guia de fluxo e sentido. Dessa perspectiva, a história da psiquiatria dinâmica configura-se como um mosaico formado por relatos de casos paradigmáticos provenientes de distintos investigadores da alma<sup>8</sup>. Como hoje se reconhece, essa ênfase conduziu a novas descobertas em diversos casos, notadamente o de Anna O.<sup>9</sup> e o de Emmy von N.<sup>10</sup>, contribuições, inclusive, que tiveram efeitos significativos na historiografia psicanalítica. Afinal, o cruzamento entre descobertas clínicas e o reexame de *topoi* recorrentes – como a comunicação freudiana sobre a histeria masculina –, cuja exegese permaneceu por longo período subordinada à biografia redigida por Ernest Jones, ensejou um revisionismo crítico da história da psicanálise. De mãos dadas com aqueles que escolheram a história em vez do culto, esse movimento fez a psicanálise descer do mármore e a recolocou, como outrora, no chão dos mortais.

Outro traço distintivo do empreendimento de Ellenberger é a atenção sistemática a figuras menores ou esotéricas. Personagens pouco citados são investigados com rigor<sup>11</sup> e antigos coadjuvantes vêm à tona para dar forma à sua narrativa. Nesse quadro, o tratamento do que gravita em torno do mesmerismo é paradigmático: longe de reduzi-lo a excentricidade, o autor o interpreta como ponto de inflexão. Segundo sua análise, as contribuições dos magnetizadores articularam um sistema psicológico passível de ser denominado como a primeira psiquiatria dinâmica. Assim, aquilo que, à primeira vista, poderia ser tomado como mero capítulo do excêntrico surge, sob sua leitura, como uma tradição com consistência teórica e pertinência clínica. Aliás, é precisamente nessas práticas que Ellenberger reconhece um precedente daquilo que, em psicanálise, se denomina transferência e legitima o lugar de direito – teórico e histórico – do embate entre a Escola de Nancy e a Salpêtrière, outrora relegado a segundo plano em razão de seu aparente esoterismo frente ao paradigma científico do século xx.

Uma das estratégias do autor consiste em conferir unidade à narrativa por meio do cotejo:

ideias e práticas são postas em diálogo, articuladas a cruzamentos biográficos que fazem emergir uma rede de fatos e correntes. Nesse quadro, os quatro alicerces do século xx, apresentados como os principais teóricos da psiquiatria dinâmica moderna, são examinados em estudos de fôlego, de perfil monográfico e em pé de igualdade. Assim, cada capítulo dedicado a Janet, Freud, Adler e Jung opera como uma pequena biografia (cerca de 100 páginas cada), combinando elementos pessoais à arquitetura conceitual de suas respectivas teorias, reconstruindo-se a influência científica e cultural de cada um. A propósito, em perspectiva histórica, a contribuição sobre Pierre Janet é pioneira e, quiçá, tenha sido uma das primeiras luzes do “redescobrimento” do francês nos últimos anos<sup>12</sup>. *Mutatis mutandis*, o mesmo se verifica com Charcot, em torno de quem vem se consolidando, desde a década de 1990, um corpo significativo de trabalhos<sup>13</sup>.

research) realiza uma avaliação similar sobre o campo da história da psiquiatria.

- 5 H.F. Ellenberger, *A descoberta do inconsciente: história e evolução da psiquiatria dinâmica*, p. 9.
- 6 H.F. Ellenberger, *op. cit.*, p. 9.
- 7 O trecho é um relato de Ellenberger sobre as fundações de seu método (H.F. Ellenberger, “Methodology in writing the history of dynamic psychiatry”, in G. Mora; J.L. Brand (Eds.), *Psychiatry and its history: Methodological problems in research*, p. 29.
- 8 Esse programa influenciou várias pesquisas notáveis; na psicanálise, como os trabalhos de Hirschmüller (Freud’s „Mathilde’: Ein weiterer Tagesrest zum Irma Traum“. *Jahrbuch der Psychoanalyse*, 24), Mahony (*Freud and the Rat Man*) e Swales (“Freud, Katharina, and the first ‘wild analysis’”). In P.E. Stepansky (Ed.), *Freud: Appraisals and reappraisals*.
- 9 H.F. Ellenberger, The story of ‘Anna O.’: A critical review with new data. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, v. 8, n. 3.
- 10 H.F. Ellenberger, L’histoire d’Emmy von N.: Étude critique avec documents nouveaux. *L’Évolution Psychiatrique*, v. 42, n. 3.
- 11 No quarto capítulo, por exemplo, “O pano de fundo da psiquiatria dinâmica”, ao tratar da Filosofia da Natureza e da Filosofia Romântica, são examinadas figuras como Von Schubert, Troxler e C.G. Carus. Em seguida, incluem-se também personagens da medicina romântica, um capítulo da história igualmente relegado a segundo plano.
- 12 Hacking (*Rewriting the soul: Multiple personality and the sciences of memory*, p. 44-46) descreve como o estudo de Ellenberger, ao recuperar a centralidade de Janet, evidenciou igualmente de que modo os relatos de casos de sua história da psiquiatria serviram para legitimar a múltipla personalidade no contexto moderno.
- 13 Cf. Gasser (*Aux origines du cerveau moderne: localisations, langage et mémoire dans l’œuvre de Charcot*); Gauchet & Swain (*Le vrai Charcot: Les chemins imprévus de l’inconscient*).
- 14 Cf. Micale (*Approaching hysteria: Disease and its interpretations*, p. 221-284).

É pela erudição que a trama encontra a vida cultural: ponto a ponto, costura-se o modo como o inconsciente fala em cada tempo. Com essa travessia de campos, Ellenberger não desbota a ideia, mas faz-lhe ganhar corpo e presença, ao sustentar que ciência, arte e filosofia, por trilhas distintas, perseguem a mesma pergunta sobre o que escapa à consciência. Assim, justapõem-se personagens de Zola e de Schnitzler a pacientes de Freud e de Janet. Com isso, põe-se em evidência descrições psicológicas epistemologicamente distintas que, quando analisadas, revelam compartilhar uma dobra do tempo, uma perspectiva historicamente determinada, cuja inteligibilidade se efetiva por meio do enquadramento analítico centrado na cultura.

Diz-se que haveria, na história, tantas figurações da histeria quantos fossem os pacientes e os clínicos. O aforismo sublinha algo da inefabilidade do fenômeno e, também, a inscrição histórica dos intentos de inquiri-lo. Por essa lente, vale mencionar as inflexões metodológicas recentes nos estudos da histeria que, hoje, se investiga por um arco disciplinar e metodológico que envolve literatura, antropologia, medicina, psicanálise, marxismo e *cultural studies*<sup>14</sup>; o que, num escopo mais abrangente, também se estende ao campo da historiografia psiquiátrica.

Nessa direção, torna-se legítimo problematizar tanto o objeto quanto o método de Ellenberger. A começar pelo primeiro: embora atento a armadilhas recorrentes (teleologia e hagiografia), o trabalho não se adequa a um exercício rigoroso de história intelectual ou história das ideias. Com efeito, ainda que justaponha expressões culturais análogas e identifique antecipações e indagações que, diacronicamente, sugerem semelhanças e continuidades, a obra frequentemente não logra demonstrar relações efetivas de influência, precedência ou derivação entre teorias, conceitos ou ideias. A “demonstração” costuma ser construída por meio de uma composição erudita, com referências primárias, ou mediante o alinhamento de um quadro cultural amplo que, não raro, extrapola o argumento e se oferece, ao leitor incauto, como mera obviedade conjuntural. É plausível ler nessa

irregularidade um efeito da magnitude da aventura, que modula e condiciona o curso argumentativo; afinal de contas, em exames mais detidos, Ellenberger<sup>15</sup> costuma traçar argumentos mais resolutos. Seja como for, convém assinalar a tensão, uma vez que, no decurso do livro, alternam-se incursões conceituais bem assentadas com passagens que permanecem como curiosidades que reclamam investigações adicionais.

Em tempo, vale lembrar: Ellenberger não é Foucault. Embora evidente, sua formulação é pertinente em um ambiente acadêmico no qual a influência do pensador francês é sem paralelo. Do ponto de vista metodológico, as distinções são claras: não se identificam, na obra do autor suíço, as rupturas epistemológicas que estruturam a arqueologia foucaultiana – a qual desconstrói a loucura como constructo de poder e exclusão social, enfatizando descontinuidades e materialidades discursivas em oposição a narrativas progressivas de ideias. Nada mais estrangeiro ao itinerário de Ellenberger do que a arqueologia foucaultiana. Aquele compõe a história do inconsciente por meio de continuidades entre personagens decisivos, expressões culturais e intelectuais; este suspende a teleologia acumulativa do saber e desnuda a função da psiquiatria em estratégias de dominação. Daí o primado das descontinuidades em Foucault: as condições de possibilidade do “olhar clínico”, em *Naissance de la clinique*<sup>16</sup>, e da “loucura” como objeto, em *Histoire de la folie à l'âge classique*<sup>17</sup>. Se em Ellenberger prevalece a reconstrução de inventores, contextos, expressões e nexos de continuidade, afinal, segundo o autor: “sistemas de pensamentos devem ser apresentados em seu desenvolvimento cronológico”<sup>18</sup>; em Foucault sobressai a atenção aos dispositivos, aos enunciados e às formações que constituem sujeitos e regimes de saber. Daí decorrem historiografias epistemicamente distintas e, em última análise, inconciliáveis<sup>19</sup>.

No que tange ao objeto, podem distinguir-se dois focos. No plano “institucional”, indaga-se a antecedência, o surgimento e a expressão daquilo que se considera a psiquiatria dinâmica. Em escala

mais restrita, toma-se o inconsciente como objeto específico de investigação. Tais escolhas não são isentas de ressalvas: uma vez eleitos como objetos, opera-se um recorte que, ao longo da obra, às vezes se apresenta de forma velada. Daí duas consequências facilmente identificáveis: (i) uma gravitação em torno da figura de Freud e (ii) a exclusão de práticas e teorias que não envolvem o inconsciente.

Ainda que as principais figuras da psiquiatria dinâmica sejam apresentadas em pé de igualdade e sem hierarquias explícitas, essa pretensão de equanimidade por vezes se desfaz ao longo do livro: a recorrente evocação de Freud faz com que a obra, não raro, e a despeito das críticas revisionistas à psicanálise, acabe se configurando como uma contextualização das origens e da emergência da psicanálise. Nisso vislumbra-se um quê ideológico tanto quanto uma interpretação do autor, por mais que este declare distinguir o registro factual do interpretativo. Tarefa deveras impossível, onde talvez convenha seguir a indicação deleuziana e admitir os “filhos monstruosos” do que intentar uma hermeticidade fictícia<sup>20</sup>. Além do mais, por mais neutro que Ellenberger se considere, sua letra tem lastro. O mais notável talvez seja a ênfase nos casos clínicos paradigmáticos, cruciais à teoria das psiquiatrias dinâmicas. Assim, não obstante o grande avanço possibilitado por tal metodologia frente a um iatrocentrismo, a história da psiquiatria dinâmica de *A Descoberta do Inconsciente* fora, ao fim e ao cabo, escrita por um psiquiatra dinâmico. Ao fim, não se pode esquecer que escrever a história da psiquiatria também é fazê-la.

Se é impróprio censurar um autor pelo escopo que deliberadamente não assumiu, parece igualmente razoável afirmar que as ciências “psi” – mesmo quando não negam em teoria, mas neutralizam na prática – contribuem ao horizonte cultural e intelectual do inconsciente. Em termos dialéticos, a negação opera, ela mesma, como modalidade de expressão. E, curiosamente, como muitos investigadores da alma depararam, às vezes, o que mais fala é o que falta. Na tessitura proposta por Ellenberger, a psiquiatria de cunho orgânico e a psicologia de matriz watsoniana

situam-se à margem do horizonte analítico, o que implica um campo de referências mais alheio ao conflito do que o desejável. Reconhecida a riqueza da obra para fins de formação e pesquisa – seja na graduação ou na pós-graduação –, subsiste a interrogação: de que modo equilibrar esse *corpus* quando ele exclui uma tradição que hoje se afirma com vigor e que, já à época de Janet e Jung, constituíam correntes autônomas e significativas?

Não obstante algumas ressalvas, o saldo é de potência ímpar. *A descoberta do inconsciente* se oferece como história cultural e, *pari passu*, como meditação sobre a história da ciência. Afinal, segundo Ellenberger<sup>21</sup>, o livro é, em última instância, pertencente à filosofia das ciências e regido pela questão: “por que a história da psiquiatria dinâmica difere de modo tão notável da história das demais ciências?”<sup>22</sup>. O problema, em registro epistemológico, consiste em reconstituir a formação do conhecimento sobre o inconsciente e em determinar o seu lugar no conjunto geral da ciência através da expressão de um *Zeitgeist*.

Entre a primeira edição e esta tradução decorrem mais de cinquenta anos. Nesse ínterim, mudou-se o campo e o horizonte: a pesquisa documental, diferencial em algum momento do século passado, tornou-se competência mais disseminada, assim como foi facilitada pelos avanços

tecnológicos; e as histórias montadas sob a hegemonia do modelo médico converteram-se em alvo frequente de objeções contundentes com diversas respostas metodológicas. Resta, portanto, a pergunta: que contribuição específica a obra ainda pode oferecer hoje? Se perdura algo na obra que a leve ainda mais adiante, talvez seja a tenacidade de defender uma modalidade interdisciplinar e de negar seu interdito reafirmando-a na filosofia das ciências. No muito em que foi pioneiro, ecoa um convite a leitores e especialistas: dar vazão a vetores que atravessem fronteiras, cruzem bordas, ainda que a epistemologia vigente tente hermetizá-los. Afinal, como bem coloca Borch-Jacobsen<sup>23</sup>, “mesmo os transtornos mentais acerca dos quais nos asseguram que são de natureza biológica não escapam, ao que parece, às variações da história”<sup>24</sup>.

Numa obra complexa, alicerce e ornamento por vezes se confundem. Talvez por isso Ellenberger<sup>25</sup> termine uma obra de uma vida de pesquisa evidenciando o que a atravessa e sustenta: “há duas concepções de realidade que se confrontam”, e a vida psíquica se deixa tocar por ambas: “ou com a acurada técnica de mensuração, quantificação e experimentação do especialista em pesquisa, ou com a abordagem imediata e não quantificável do psicoterapeuta dinâmico”; ademais, “o psicoterapeuta dinâmico lida, assim, com aquilo que Jung chama de ‘existências psíquicas’ ou ‘realidades psíquicas’. Mas o que exatamente são realidades psíquicas?”<sup>26</sup>. Para o autor, seria desejável que a filosofia alongasse o olhar até esses fenômenos, a fim de ampliar a compreensão e o debate daquilo que se considera realidade psíquica.

Então poderíamos esperar atingir uma síntese mais elevada e elaborar uma estrutura conceitual que fizesse justiça às rigorosas exigências da psicologia experimental, assim como às realidades psíquicas experienciadas pelos exploradores do inconsciente.<sup>27</sup>

Lá no fundo, quem sabe pulse uma natureza rebelde e anárquica no encontro das ciências, ou no mundo em si, que insistimos em dissecar negando-a artificialmente em nossas criações.

15 H.F. Ellenberger, Fechner and Freud. *Bulletin of the Menninger Clinic*, v. 20, n. 4.

16 M. Foucault, *Naissance de la clinique: Une archéologie du regard médical*.

17 M. Foucault, *Folie et déraison: Histoire de la folie à l'âge classique*.

18 Ellenberger (“Methodology in writing the history of dynamic psychiatry”, p. 26.

19 Nesse sentido, recorde-se que, à época em que Ellenberger publicou *A descoberta do inconsciente*, estava em voga o movimento antipsiquiátrico, do qual resultaram numerosas publicações na historiografia psiquiátrica (Doerner, *Bürger und Irre: Zur Sozialgeschichte und Wissenschaftssoziologie der Psychiatrie*; Castel, *L'ordre psychiatrique: L'âge de l'asile*; Rothman, *The discovery of the asylum: Social order and disorder in the new republic*) centradas no confinamento, segregação e criação do asilo. O objeto e o recorte de Ellenberger, contudo, orientam-se em outra direção.

20 G. Deleuze, *Conversações*, p. 14.

21 H.F. Ellenberger, Lettre à la rédaction de “Dialogue”. *Dialogue*, v. 10, n. 3.

22 H.F. Ellenberger, *op. cit.*, p. 561.

23 M. Borch-Jacobsen, *Folies à plusieurs: De l'hystérie à la dépression*.

24 M. Borch-Jacobsen, *op. cit.*, p. 17.

25 H.F. Ellenberger, *A descoberta do inconsciente*.

26 H.F. Ellenberger, *op. cit.*, p. 884.

27 H.F. Ellenberger, *op. cit.*, p. 884.

## Referências bibliográficas

- Alexander F.G.; Selesnick S.T. (1966). *The history of psychiatry: An evaluation of psychiatric thought and practice from prehistoric times to the present*. Harper & Row.
- Ackerknecht E.H. (1968). *A short history of psychiatry*. 2nd ed. Hafner.
- Borch-Jacobsen M. (2002). *Folies à plusieurs: De l'hystérie à la dépression*. Les Empêcheurs de Penser en Rond.
- Castel R. (1976). *L'ordre psychiatrique: L'âge de l'asile*. Éditions de Minuit.
- Deleuze G. (1990/1992). *Conversations*. Trad. L. Orlandi; P.P. Pelbart. Editora 34.
- Doerner K. (1969). *Bürger und Irre: Zur Sozialgeschichte und Wissenschaftssoziologie der Psychiatrie*. Europäische Verlagsanstalt.
- Ellenberger H.F. (1956). Fechner and Freud. *Bulletin of the Menninger Clinic*, v. 20, n. 4, p. 201-214.
- \_\_\_\_\_. (1970). Methodology in writing the history of dynamic psychiatry. In Mora G.; Brand J.L. (eds.), *Psychiatry and its history: Methodological problems in research* (p. 26-40). Charles C. Thomas.
- \_\_\_\_\_. (1971). Lettre à la rédaction de "Dialogue". *Dialogue*, v. 10, n. 3, p. 561-564.
- \_\_\_\_\_. (1972). The story of "Anna O.": A critical review with new data. *Journal of the History of the Behavioral Sciences*, v. 8, n. 3, p. 267-279.
- \_\_\_\_\_. (1977). L'histoire d'Emmy von N.: Étude critique avec documents nouveaux. *L'Évolution Psychiatrique*, v. 42, n. 3, p. 519-540.
- \_\_\_\_\_. (1970/2023). *A descoberta do inconsciente: História e evolução da psiquiatria dinâmica*. Trad. P.S. de Souza Jr. Perspectiva.
- Foucault M. (1961). *Folie et déraison: Histoire de la folie à l'âge classique*. Paris: Plon.
- \_\_\_\_\_. (1963). *Naissance de la clinique: Une archéologie du regard médical*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Gasser J. (1995). *Aux origines du cerveau moderne: localisations, langage et mémoire dans l'œuvre de Charcot*. Fayard.
- Gauchet M.; Swain G. (1997). *Le vrai Charcot: Les chemins imprévus de l'inconscient*. Calmann-Lévy.
- Hacking I. (1995). *Rewriting the soul: Multiple personality and the sciences of memory*. Princeton University Press.
- Hirschmüller A. (1989). Freuds „Mathilde“: Ein weiterer Tagesrest zum Irma Traum. *Jahrbuch der Psychoanalyse*, 24, p. 128-159.
- Leibbrand W.; Wettley A. (1961). *Der Wahnsinn: Geschichte der abendlandischen Psychopathologie*. Karl Alber.
- Mahony P.J. (1986). *Freud and the Rat Man*. Yale University Press.
- Micale M.S. (1995). *Approaching hysteria: Disease and its interpretations*. Princeton University Press.
- Mora G. (1970). The psychiatrist's approach to the history of psychiatry. In G. Mora G.; Brand J.L. (Eds.), *Psychiatry and its history: Methodological problems in research* (p. 3-25). Charles C. Thomas.
- Rothman D.J. (1971). *The discovery of the asylum: Social order and disorder in the new republic*. Little, Brown.
- Swales P.J. (1988). Freud, Katharina, and the first "wild analysis". In Stepansky, P.E. (ed.), *Freud: Appraisals and reappraisals* (v. 3, p. 80-164). The Analytic Press.
- Zilboorg G.; Henry G.W. (1941). *A history of medical psychology*. W.W. Norton.